

📍 Itaúnas | Espírito Santo | Brasil



PROTURES ITAÚNAS

PROGRAMA DE ORDENAMENTO DO
TURISMO RESPONSÁVEL DE ITAÚNAS

MAPEAMENTO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS

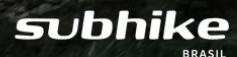
REALIZAÇÃO



APOIO



EXECUÇÃO



PROTURES ITAÚNAS

PROGRAMA DE ORDENAMENTO DO TURÍSTICO RESPONSÁVEL

O PROTURES ITAÚNAS (Programa de Ordenamento do Turismo Responsável de Itaúnas) nasceu da necessidade de estruturar, de forma participativa e tecnicamente embasada, o desenvolvimento turístico de um dos destinos mais singulares do Espírito Santo.

A Vila de Itaúnas reúne um patrimônio natural e cultural de rara densidade: dunas que soterraram uma vila inteira, um parque estadual de alto valor ecológico, comunidades quilombolas e indígenas ativas, e uma identidade cultural construída em torno do forró de raiz.

A Fase 01 do programa, executada pela SubHike Brasil, entre os meses de julho e novembro em 2025, combinou inventário técnico georreferenciado, pesquisa de gabinete e escuta qualificada de moradores, empreendedores e gestores públicos para mapear atrativos naturais e culturais, avaliar a maturidade ESG e SGS dos serviços de ecoturismo e turismo de aventura, e lançar as bases de uma governança local participativa.

Os resultados confirmam um território com potencial turístico robusto e subutilizado. A oferta está concentrada em produtos âncora, com forte sazonalidade e pressão localizada sobre ecossistemas frágeis, que formam um portfólio amplo, ainda pouco estruturado e comunicado. Equacionar essa assimetria é o desafio central que este programa se propõe a enfrentar.



SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 02 |
| MAPEAMENTO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE ITAÚNAS | 03 |
| METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO | 04 |
| ATRATIVOS NATURAIS | 05 |
| AMBIENTES COSTEIROS- C.1.2. ZONA COSTEIRA | 05 |
| LITORAL DO EXTREMO SUL DA BAHIA - C.1.2. ZONA COSTEIRA | 09 |
| TRILHAS INTERPRETATIVAS - C.1.6. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E SIMILARES | 12 |
| VIDA SELVAGEM - C.1.6. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E SIMILARES | 15 |
| RECURSOS HIDRICOS - C.1.4. HIDROGRAFIA | 18 |
| ATRATIVOS CULTURAIS | 21 |
| PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO - C.2.3. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS | 21 |
| POPULAÇÕES TRADICIONAIS - C.2.2. COMUNIDADES TRADICIONAIS | 23 |
| EXPRESSÕES CULTURAIS - C.2.28. FORMAS DE EXPRESSÃO | 25 |
| GASTRONOMIA TRADICIONAL - C.2.25. GASTRONOMIA TÍPICA | 29 |
| CONCLUSÃO | 30 |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA | 32 |



Este programa é executado pela SubHike Brasil, empresa de consultoria e treinamento especializada em turismo de natureza, atuando na curadoria de experiências turísticas sustentáveis e seguras, contribuindo para que negócios e destinos adotem estratégias que valorizam o patrimônio natural e cultural.



@subhikebrasil



As imagens contidas neste documento são registros reais do território, representados artisticamente por meio da técnica de linoleogravura. Elas capturam a essência e as características autênticas da paisagem local sob uma perspectiva artística tradicional.

APRESENTAÇÃO

Itaúnas é um destino singular. A combinação entre um parque estadual de alto valor ecológico, comunidades tradicionais com raízes quilombolas e indígenas, e uma identidade cultural construída em torno do forró de raiz forma um sistema de atrativos cuja complexidade vai muito além do que é percebido pelo turismo convencional.

O presente documento é o resultado do mapeamento e diagnóstico turístico realizado no âmbito do PROTURES ITAÚNAS – Fase 01. Seu objetivo foi inventariar os recursos naturais e culturais do distrito com profundidade analítica suficiente para subsidiar decisões estratégicas de ordenamento turístico – não apenas catalogar o que existe, mas avaliar o que é subutilizado, o que está sob pressão e o que requer proteção antes de qualquer exploração.

O trabalho foi além do registro descritivo. Ao sobrepor a observação direta às vozes de quem vive e trabalha no território, o levantamento construiu um retrato duplo de cada atrativo: o que ele oferece e o que o fragiliza. São esses dados que darão base técnica às decisões de conservação e às estratégias de desenvolvimento de longo prazo.

O trabalho revelou uma assimetria central: Itaúnas possui um portfólio de atrativos robusto e diversificado, mas sua oferta turística está concentrada em poucos produtos âncora, com forte sazonalidade e impactos localizados. Ampliar esse portfólio – de forma planejada, sustentável e alinhada à identidade do território – é o desafio que este diagnóstico se propõe a iluminar.





MAPEAMENTO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE ITAÚNAS

O inventário turístico de Itaúnas mapeou o potencial do distrito considerando a vila — na zona de amortecimento — e seus atrativos naturais e culturais. O valor turístico local é compreendido como um sistema complexo, no qual paisagem, pesca artesanal, manifestações culturais e hospitalidade se articulam de forma indissociável.

A análise cruzou a existência e características dos atrativos com o que é efetivamente oferecido pelos prestadores de serviços, identificando usos consolidados, áreas sob pressão e potenciais subutilizados. Esse cruzamento subsidia um plano de ordenamento capaz de diversificar a oferta, distribuir melhor a demanda e fortalecer a coerência entre

identidade local, conservação e produtos turísticos.

A metodologia considerou aspectos objetivos e subjetivos do território — inclusive dimensões emocionais e simbólicas —, revelando que espaços aparentemente comuns podem tornar-se atrativos significativos quando associados a memórias coletivas e práticas tradicionais. Como todos os atrativos naturais — dunas, praias, rios e trilhas — situam-se no interior do Parque Estadual de Itaúnas, a análise respeitou o zoneamento e as orientações de uso público do plano de manejo.

O registro in loco cruzou observações de campo com informações de moradores e prestadores de serviços, documentando não apenas qualidades, mas fragilidades e riscos — não para desqualificar atrativos, mas para subsidiar estratégias de preservação e desenvolvimento sustentável de longo prazo.

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O mapeamento turístico é o principal instrumento para mensuração quantitativa e qualitativa da oferta de um destino. Para a Vila de Itaúnas e sua área de influência, foi adotada metodologia adaptada do INVTUR, projeto do Ministério do Turismo (MTur, 2003), voltado ao levantamento de atrativos e infraestrutura para planejamento e promoção turística.

O levantamento focou na interconexão entre comunidade local e unidade de conservação, mapeando atrativos classificados pela Categoria C do INVTUR em duas categorias: naturais (paisagens, formações geológicas, recursos hídricos e áreas protegidas) e culturais (patrimônio histórico e arquitetônico, manifestações culturais, locais de fé e patrimônio museológico). Essa classificação permite identificar o potencial do destino e desenvolver estratégias adequadas de promoção e conservação.

Para garantir representatividade e incorporar o saber local, foram realizadas oficinas participativas com moradores, empreendedores, representantes institucionais, pescadores, artesãos e condutores de turismo. Pelo método "Mapa Falado" os participantes identificaram atrativos naturais, culturais e históricos. Visitas de campo validaram os dados com coordenadas exatas.

A pesquisa de gabinete complementou o processo, utilizando o Plano de Manejo do PEI, registros do IPHAN, estudos do INMA e documentos do IEMA, IJSN, SECULT e IDERMA, consolidando um inventário técnico e participativo.



ATRATIVOS NATURAIS

Atrativos Turísticos Naturais são elementos da paisagem que, por beleza cênica, singularidade geomorfológica, relevância ecológica ou biodiversidade, motivam o deslocamento de visitantes para lazer, contemplação, educação ambiental ou pesquisa. Inerentes ao ambiente físico e biológico, podem ser gerenciados para a visitação sem que isso constitua sua criação.

Em Itaúnas, esses atrativos abrangem formações geológicas, corpos d'água e ecossistemas costeiros — praias, dunas, manguezais e restingas —, além de áreas florestais e fauna e flora associadas, formando a base do ecoturismo e do turismo de natureza.

A análise apresentada vai além da descrição: cada recurso é avaliado quanto à sua inserção na dinâmica turística atual, à coerência com a vocação de Itaúnas como distrito turístico e ao seu potencial de integrar produtos e experiências alinhados ao desenvolvimento sustentável do destino.

AMBIENTES COSTEIROS

C.1.2. ZONA COSTEIRA

O mapeamento turístico de Itaúnas, na categoria litoral e costa, integra os sistemas de dunas, praias, manguezal e restinga — localizados dentro dos limites do Parque Estadual de Itaúnas — com foco em suas funções ambientais, usos consolidados e potencial de ordenamento turístico. A análise subsidia a gestão do território e o planejamento de produtos e serviços, orientando decisões alinhadas ao desenvolvimento econômico local e às diretrizes do PROTURES ITAÚNAS.

Todos esses elementos são reconhecidos pela beleza natural, estado de preservação e papel como habitats para a fauna costeira.

MATA E RESTINGA DE TABULEIRO

C.1.2.1. RESTINGA

As dunas de Itaúnas, com até 30 metros de altura, são o atrativo mais icônico do destino e abrigam vegetação de restinga, mata de tabuleiro e sítios arqueológicos como o Ita-01, que agregam valor histórico-cultural à área.

A Floresta Ombrófila Densa de Tabuleiro se desenvolve sobre tabuleiros costeiros entre 20 e 60 metros de altitude, com estrutura bem desenvolvida e árvores emergentes que podem ultrapassar 40 metros. A transição entre mata e restinga de tabuleiro é marcada por grande diversidade de bromélias e orquídeas, observável em áreas como a Mata do Vigia e nas extensões florestais que conectam a vila ao Assentamento Paulo Vinha e ao Riacho Doce. Os principais cursos d'água que interagem com esses ecossistemas são o Rio Itaúnas, o Rio Angelim, o Riacho Doce e o Córrego Velha Antônia.

A restinga é a vegetação predominante na maior parte do PEI e ao longo das principais trilhas — Tamandaré, Pescador, Buraco do Bicho, Borboleta e Alméscar. Adapta-se tanto a solos secos quanto a áreas úmidas sujeitas a inundações. Localizada na Zona de Conservação (ZCO), a visitação é guiada com grupos de até 20 pessoas, sendo proibidas trilhas livres e coleta de espécies vegetais. A educação ambiental é obrigatória em todas as visitas.

DUNAS DE ITAÚNAS

C.1.2.2. DUNA

As Dunas de Itaúnas, localizadas na Zona de Conservação (ZCO), atingem até 30 metros de altura e figuram entre os atrativos mais icônicos do destino. Trata-se de depósitos arenosos de origem marinha acumulados ao longo de milênios. As "dunas móveis" de Itaúnas, especificamente, formaram-se entre as décadas de 1940 e 1970 após a remoção da restinga entre a antiga Vila e o mar, processo que resultou no soterramento da comunidade nos anos 1950. Tombadas como Patrimônio Histórico Paisagístico em 1986, carregam a memória viva de famílias que ainda narram o dramático processo de soterramento. Desde 2017, as dunas estão estabilizadas graças ao plantio de espécies nativas como *Allagoptera arenaria*.

As regras de visitação são rigorosas: é proibida a escalada desordenada, o uso de veículos motorizados, sandboard e "esquibunda". A visitação ocorre exclusivamente por trilhas fixadoras, com capacidade limitada a 100 pessoas por dia. A Zona de Infraestrutura (ZI) adjacente permite até 6 barracas de praia. Áreas com erosão seguem em processo contínuo de revegetação.

PRAIA DE ITAÚNAS

C.1.2.4. PRAIA

A Praia de Itaúnas, localizada na Zona de Conservação (ZCO), estende-se por 25 km entre dunas e restinga. O acesso é feito exclusivamente por trilhas demarcadas – a pé, após atravessar a ponte (cerca de 15 minutos), ou pela Trilha do Tamandaré.



A infraestrutura é simples: barracas fixas em número limitado e vendedores ambulantes. Recomenda-se levar guarda-sol e cadeiras, especialmente em alta temporada.

O mar é raso, de ondas tranquilas e águas refrescantes, com vistas privilegiadas do pôr do sol a partir das dunas. É habitat de tartarugas marinhas, incluindo *Caretta caretta* e *Lepidochelys olivacea*. De setembro a março, período de desova, há restrições noturnas específicas para proteção da fauna.

São proibidos veículos motorizados, fogueiras e descarte de lixo. A capacidade de visitação é limitada a 50 pessoas por quilômetro, com monitoramento contínuo de erosão previsto no Plano de Manejo do PEI.

PRAIA DA GUAXINDIBA

C.1.2.2. DUNA

A Praia da Guaxindiba estende-se por 2 km e se destaca pela confluência com a Praia da Barra e pela proximidade com a foz do Rio Itaúnas, formando bancos de areia e piscinas naturais de água doce e salgada. As águas são mornas, de tonalidade levemente escura, com ondas tranquilas e mar raso, diferenciando-se de outras porções do litoral capixaba.

O ecossistema local inclui manguezais, "Floresta de Raízes" e vegetação exuberante, que sustentam biodiversidade expressiva e atraem pescadores pela fartura de espécies como o robalo.

As condições hídricas favorecem stand-up paddle, caiaque e snorkeling nas águas calmas, enquanto as ondas em maré alta atraem surfistas. Um braço do Rio Itaúnas adjacente oferece banho alternativo em águas ainda mais tranquilas. Trilhas com mirantes panorâmicos são adequadas para caminhadas e ciclismo.

A infraestrutura de apoio inclui quiosques, restaurantes com culinária regional, estacionamento e banheiros públicos. A praia está localizada na Zona de Amortecimento do Parque Estadual de Itaúnas.

PRAIA DO RIACHO DOCE

C.1.2.4. PRAIA

A Praia do Riacho Doce, situada na Zona de Amortecimento (ZA) e nas proximidades do limite norte do Parque Estadual de Itaúnas (PEI), demarca a divisa entre os estados do Espírito Santo e Bahia. Este local é reconhecido por sua tranquilidade e beleza natural, sendo um excelente ponto para recreação. O Riacho Doce, que confere nome à comunidade e à praia, é o principal atrativo da região. Sua bacia hidrográfica abrange uma área de 155 km², desaguando na praia homônima.

A foz do riacho, por vezes, permanece fechada pela faixa de areia costeira, abrindo-se para o mar em períodos de aumento do nível d'água, conciliado com grandes marés. A Praia do Riacho Doce foi eleita a 2ª praia deserta mais bonita do Brasil em 2008 e serve como abrigo para aves migratórias.

Conforme o Plano de Manejo do PEI, as regras de funcionamento para a Praia do Riacho Doce determinam que o acesso é feito via trilha, sendo proibida a construção de qualquer tipo de edificação. A capacidade de visitação é de 30 pessoas por quilômetro.

MANGUEZAL

C.1.2.5. MANGUE

No PEI, o manguezal cumpre um papel essencial na preservação da biodiversidade, no controle da erosão costeira e no equilíbrio dos ecossistemas locais, contribuindo para a manutenção dos serviços ambientais que beneficiam as comunidades humanas adjacentes.

Apesar de sua relevância ecológica e paisagística, o manguezal apresenta características que influenciam seu potencial como atrativo turístico ne Itaúnas. Sua localização, distante da Vila de Itaúnas, e as restrições de acesso são fatores determinantes.

A exploração turística deste ecossistema é limitada as embarcações não motorizadas, como caiaques e canoas, devido à proibição de veículos a motor.

Essa modalidade de acesso, embora promova uma experiência de baixo impacto ambiental, configura-se como um limitador para a visitação em massa, restringindo o perfil de público e a escala das atividades turísticas no manguezal.



LITORAL EXTREMO SUL DA BAHIA

C.1.2. ZONA COSTEIRA

A região do litoral do extremo sul da Bahia, embora pertencente ao município de Mucuri, integra a oferta turística regional de Itaúnas pelo perfil dos visitantes – majoritariamente oriundos do extremo norte capixaba – e pela proximidade geográfica.

A área é marcada por quilômetros de praias emolduradas por falésias multicoloridas, pequenos rios que desaguam no mar e cenários que combinam manguezal, restinga e coqueiros. A infraestrutura turística local, com pousadas e restaurantes, ainda está em desenvolvimento. Os principais atrativos naturais que compõem o litoral do extremo sul da Bahia são:

PRAIA DE COSTA DOURADA

C.1.2.4. PRAIA

A Costa Dourada, em sua extensão geral, oferece paisagens de praias desertas e exóticas, ideais para caminhadas de longa distância. As condições do mar são favoráveis à prática de surf, com a ocorrência de ondas clássicas e tubulares. A região conta com um povoado em desenvolvimento que já dispõe de infraestrutura turística básica, incluindo pousadas e restaurantes, para estadias prolongadas.

PRAIA DE COSTA DOURADA

C.1.2.4. PRAIA

Esta praia, inserida na região da Costa Dourada, é caracterizada por seu ambiente tranquilo e deserto, com areias claras e ampla extensão. A ausência de infraestrutura

turística formal é compensada pela presença de uma residência local. As águas são transparentes e propícias para banho, configurando um ambiente adequado para recreação passiva, como relaxamento e banho de sol, sendo particularmente atrativa para casais e famílias em busca de descanso.

PRAIA CACIMBA DO PADRE

C.1.2.4. PRAIA

Esta praia, de caráter praticamente deserto, é marcada por uma lenda associada à época jesuítica, que narra a proteção de uma cacimba de águas puras por um jesuíta.

A erosão costeira ao longo dos séculos resultou na formação de uma ilha de pedra arredondada na costa, que remete à boca de uma cacimba, originando o nome da praia. O acesso é restrito, sendo possível apenas através de propriedade privada. As águas cristalinas permitem a observação do fundo do mar.

PRAIA DO GESUEL

C.1.2.4. PRAIA

A Praia do Gesuel está associada a um pequeno povoado de pescadores, situado em um morro com Mata Atlântica. O local é notável pela abertura das falésias para a foz de um pequeno rio, que adiciona um elemento cênico. O acesso à praia é facilitado por uma passarela de madeira, conferindo um aspecto rústico e pitoresco ao ambiente.

PRAIA DO COQUEIRO

C.1.2.4. PRAIA

Praia é semideserta e extensa, com areias úmidas e um gramado na parte alta que integra a paisagem. A presença de coqueiros e outras espécies vegetais é notável, assim como a existência de residências de moradores, que são os principais frequentadores, especialmente para a pesca de arremesso.

A infraestrutura turística é limitada, conferindo à praia um ambiente sossegado e simples. O Rio das Ostras deságua na praia, proporcionando a opção de banho em água doce.

PRAIA DOS LENÇÓIS

C.1.2.4. PRAIA

A Praia dos Lençóis apresenta paisagens compostas por falésias, coqueiros e areia branca. É um local propício para atividades de contemplação da natureza e relaxamento, com a possibilidade de instalação de guarda-sóis para desfrute diurno.

Segundo o Plano de Manejo do PEI, as Praias do Sul da Bahia estão inseridas na Zona de Amortecimento (ZA), as Praias do Sul da Bahia representam uma extensão contínua de praias que se caracterizam pela presença de manguezais.

Essas áreas possuem uma rica biodiversidade de crustáceos e peixes. As regras de funcionamento proíbem a poluição de qualquer natureza, e a gestão busca a integração com o PEI através de corredores ecológicos. A capacidade de visitação é variável e deve ser monitorada para garantir a sustentabilidade ambiental.



FALÉSIAS DE COSTA DOURADA

C.1.2.7. FALÉSIA

As Falésias de Costa Dourada, localizadas no litoral do Extremo Sul da Bahia, constituem um elemento paisagístico notável, caracterizado por formações geológicas que atingem altitudes superiores a 15 metros. Estas falésias exibem uma coloração diversificada, que se intensifica sob diferentes condições de luz, especialmente ao nascer e pôr do sol, onde tonalidades avermelhadas predominam.

A paisagem litorânea é complementada por plantações de eucalipto e fazendas de gado, que coexistem com remanescentes de Mata Atlântica. As praias da região formam um "cinturão verde", recortado por riachos e paredões, com acesso que pode ser dificultado pela vegetação de eucaliptos. Em alguns trechos, ainda se observa vegetação nativa com ocorrência de frutas silvestres

como caju, manga e pitanga. Toda esta área está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Costa Dourada.

A vegetação de restinga predomina no topo dessas formações costeiras que se debruçam sobre o mar. O ambiente marinho adjacente às falésias apresenta recifes que, durante a maré baixa, formam piscinas naturais de águas transparentes, refletindo a coloração dourada da areia. As praias, de areias claras e extensas, possuem águas de tonalidade azul-esverdeada, propícias para mergulho e banho.

A infraestrutura turística na região é considerada incipiente, compreendendo pequenas pousadas, barracas de praia, bares e restaurantes que atendem aos visitantes. Esta característica contribui para que muitas das praias permaneçam em estado quase deserto, oferecendo um ambiente de maior tranquilidade.



TRILHAS INTERPRETATIVAS

C.1.6. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E SIMILARES

As trilhas do Parque Estadual de Itaúnas somam mais de 15 km e constituem atrativos essenciais para a observação de fauna e flora e para a educação ambiental, com manutenção e sinalização regulares.

A metodologia INVTUR não prevê "Trilha" como categoria específica, pois classifica atrativos pelo tipo de recurso ou local, e não pela atividade em si. Por estarem integralmente inseridas em uma unidade de conservação de grande relevância ecológica e paisagística, as trilhas são tipificadas neste estudo como Unidade de Conservação e Similares (C.1.6).

TRILHA DA BORBOLETA

C.1.6.6. PARQUE

A Trilha da Borboleta, na Zona de Conservação (ZCO), tem 3 km de extensão (ida e volta) e atravessa uma formação aberta de restinga — mosaico de vegetação em moitas sobre solo arenoso, rico em bromélias e orquídeas, com vistas panorâmicas.

Com acesso a 2.000 m da sede do Parque, a trilha é de dificuldade média e percurso de aproximadamente 3 horas. A visitação é diurna, restrita à trilha demarcada, com coleta de plantas proibida e capacidade limitada a 20 pessoas por hora. O retorno pode ser feito pela própria trilha, pela Trilha do Buraco do Bicho ou pela praia.

TRILHA DO PESCADOR

C.1.6.6. PARQUE

A Trilha do Pescador, na Zona de Uso Moderado (ZUM), tem 0,6 km (ida e volta) e é

historicamente usada por pescadores para acessar a Praia da Pedra Grande. Ao final, encontra-se o abrigo das "bateiras" — barcos de madeira da pesca artesanal marinha —, tornando-a um ponto de conexão com a cultura pesqueira local.

Com acesso a 1.500 m da sede do Parque, a trilha atravessa restinga arbórea, dunas e praias, com baixa dificuldade e percurso de aproximadamente 30 minutos. O retorno pode ser feito pela Praia de Itaúnas, cruzando as dunas por 1.200 m até os quiosques.

A visitação é diurna e restrita à trilha demarcada, que conta com estrutura em madeira para acessibilidade. A pesca ilegal é proibida e a capacidade é de 10 pessoas por hora.

TRILHA DA ALMÉSCAR

C.1.6.6. PARQUE

A Trilha da Alméscar, na Zona de Conservação (ZCO), tem 1,5 km (ida e volta) e percorre floresta de restinga arbórea com diversas espécies de bromélias e orquídeas, dando acesso ao Rio Itaúnas.

O nome homenageia a Almescla (*Protium heptaphyllum*), árvore comum no percurso cuja resina é usada na vedação de embarcações e como repelente de insetos.

Com acesso a 900 m da sede do Parque, a trilha tem baixa dificuldade e tempo aproximado de 1 hora, sendo ideal para observação de aves. A visitação é diurna, restrita à trilha demarcada, com criação de trilhas paralelas proibida e capacidade limitada a 15 pessoas por hora.

TRILHA DO TAMANDARÉ

C.1.6.6. PARQUE

A Trilha do Tamandaré, na Zona de Uso Moderado (ZUM), tem 0,7 km (ida e volta) até a casa de Tamandaré, com adicional de 400 m até a praia. Construída sobre o antigo leito do Rio Itaúnas, era o acesso à antiga Vila de Itaúnas, cujos vestígios foram soterrados pelas dunas. Leva o nome de "Seu Tamandaré", morador tradicional que ali viveu até 2006, cuja casa é a única da antiga Vila que não foi completamente soterrada.

O acesso se dá após a ponte do Rio Itaúnas, com início na frente da Igreja de São Sebastião. O percurso atravessa restinga arbórea, alagados e dunas, com vistas para o rio, dunas e manguezais.

A dificuldade é baixa até a casa e média no trecho final à praia, com tempo aproximado de 40 minutos. A praia ao fim da trilha apresenta longa faixa de areia e mar calmo.

A visitação é diurna, restrita à trilha interpretativa demarcada, com remoção de artefatos históricos proibida e capacidade limitada a 20 pessoas por hora.

OUTRAS TRILHAS

C.1.6.6. PARQUE

Além das trilhas principais do Parque Estadual de Itaúnas (PEI), a região oferece outros percursos que complementam a experiência de ecoturismo e recreação, cada um com suas características e níveis de dificuldade.



| TRILHA | DESCRIÇÃO |
|------------------------------|---|
| Trilha Do Riacho Doce | É um percurso de 16,3 km em formato bate-volta, localizado nas proximidades de Conceição da Barra, Espírito Santo. Classificada como moderadamente desafiadora, esta trilha é particularmente adequada para a prática de ciclismo de montanha. Sua utilização é possível durante todo o ano, oferecendo paisagens consistentes em qualquer estação. |
| Trilha Da Brasileira | Consiste em um percurso bate-volta de 5,3 km, também situado próximo a Conceição da Barra, Espírito Santo. Considerada de dificuldade fácil, sua conclusão requer uma média de 1 hora e 5 minutos. É um percurso ideal para caminhadas, corrida e caminhada, e está acessível durante todo o ano. |
| Trilha Da Cacimba | É um percurso bate-volta de 0,6 km, localizado nas proximidades de Conceição da Barra, Espírito Santo. Caracterizada como fácil, sua duração média é de 8 minutos. Esta trilha é recomendada para caminhadas e caminhada, e pode ser visitada em qualquer época do ano. |
| Trilha Beira-Rio | Percorre floresta arbórea, manguezais e praias fluviais, proporcionando vistas do Rio Itaúnas e das ruínas de um antigo porto de toras. A duração estimada para este percurso é de 1 hora. As regras de funcionamento estabelecem que o uso é diurno e restrito à trilha demarcada, sendo recomendado evitar o acesso direto aos mangues e utilizar repelente contra insetos. |

Fonte: Elaboração própria com base no Plano de Manejo do PEI (2025).

As Regras Gerais para uso das trilhas do PEI estabelecem que a visitação é exclusivamente diurna, guias são obrigatórios em áreas sensíveis (ZCO) ou para grupos maiores, e é proibido fazer fogueiras ou descartar lixo em qualquer trilha.

Todas as trilhas de Itaúnas estão inseridas em zonas de conservação (ZCO) ou de uso moderado (ZUM), o que impõe limitações rigorosas à instalação de estruturas físicas e à intensidade de visitação.

Longe de ser apenas um obstáculo, esse regime de restrições é também um diferencial: a ausência de infraestrutura invasiva e o limite de visitantes preservam o caráter de imersão na natureza, favorecendo experiências autênticas com foco em interpretação ambiental e valorização da cultura local — exatamente o que atrai o público de ecoturismo de alta qualidade. Um destaque estratégico é que o PEI é a

primeira — e até o momento única — Unidade de Conservação do Espírito Santo a implementar uma Trilha de Longo Curso.

O percurso supera 30 quilômetros, conectando toda a extensão oeste do parque: do Riacho Doce, no limite norte, à Guaxindiba, no sul, passando pela Vila de Itaúnas e chegando à Foz do Rio Doce. A trilha é acessível a pé ou de bicicleta.

O traçado foi definido por processo participativo coordenado pelo Parque, com envolvimento de comunidades locais, setor turístico, sociedade civil e poder público. O projeto segue a metodologia da Rede Brasileira de Trilhas (RBT), que tem 3.500 quilômetros implementados em 22 estados, e que promove trilhas como instrumento de recreação, saúde, geração de renda regional e conservação ambiental — ampliando agora sua presença para o Espírito Santo.

VIDA SELVAGEM

C.1.6. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E SIMILARES

A metodologia padrão do Ministério do Turismo (MTur) para o Inventário da Oferta Turística não possui uma categoria ou subtipo específico para "fauna", tratando a vida selvagem como parte integrante do meio ambiente. No entanto, para garantir a correta valoração dos recursos turísticos do território deste estudo, cuja biodiversidade é um pilar fundamental da atratividade local, optou-se por uma classificação semelhante da adotada nas "trilhas" que reflete essa importância.

JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO

C.1.6.6. PARQUE

O Jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) ocorre no PEI, onde o Rio Itaúnas e os ambientes alagados, riachos, lagos e mangues oferecem condições propícias à espécie. Classificada como ameaçada no Espírito Santo e no Brasil, sua principal ameaça é a destruição de habitat e a poluição dos corpos hídricos.

Em resposta, o PEI atua em parceria com o IEMA e o Projeto Caiman em ações de monitoramento, resgate e repovoamento. O "Programa Caiman", desenvolvido pelo Instituto Marcos Daniel (IMD), integra essas iniciativas com educação ambiental, destacando a espécie como bioindicador da saúde dos ecossistemas aquáticos e florestais.

Além do valor conservacionista, o programa apresenta potencial direto para o ecoturismo. Para 2026, está prevista a criação de um espaço de visitação para observação de fauna e a implementação de um plano de capacitação de moradores da Vila de Itaúnas

como condutores de visitantes em roteiros de avistamento de jacarés pelo Rio Itaúnas. A iniciativa representa uma oportunidade estratégica para diversificar a oferta turística, gerando renda local e fortalecendo o engajamento comunitário com a conservação.

TARTARUGAS MARINHAS

C.1.6.6. PARQUE

A área litorânea do PEI, com aproximadamente 38 km de extensão, é um santuário de reprodução de tartarugas marinhas. A região registra a ocorrência de pelo menos quatro das cinco espécies presentes no Brasil, incluindo a tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*) e a tartaruga-verde (*Chelonia mydas*). A temporada de desova ocorre entre setembro e março.

O Projeto Tamar, em parceria com o IEMA, conduziu por anos o monitoramento e proteção dos ninhos, capacitando moradores locais — os "carebeiros" — para auxiliar no acompanhamento.

A soltura de filhotes, entre dezembro e março, era o principal momento de apelo ecoturístico, combinando experiência educativa e conservação. O Centro de Vivência do Parque complementava a oferta com exposições sobre conservação marinha.

Esse conjunto de atividades configurou um atrativo de alto valor agregado, alinhado ao ecoturismo e ao turismo de base comunitária. A integração dos "carebeiros" fortaleceu a valorização dos saberes locais e gerou fluxo turístico qualificado durante a temporada de eclosão.

Contudo, o Projeto Tamar encerrou suas atividades em Itaúnas. O motivo é positivo: em grande parte graças ao sucesso das ações de conservação, as tartarugas marinhas deixaram de representar ameaça de extinção tão premente na região. O projeto é hoje parte da história de sucesso ambiental do destino, mas o atrativo, em sua forma anterior, não integra mais a oferta turística ativa.

PEIXINHOS DAS NUVENS

C.1.6.6. PARQUE

Os "Peixinhos das Nuvens de Itaúnas" são rivulídeos – peixes anuais – que habitam poças e lagoas temporárias no PEI. A crença popular de que "caíam do céu" com as chuvas tem explicação científica: antes da seca total, os adultos depositam ovos no substrato, que entram em estado de dormência (diapausa) e resistem ao calor por meses.

Com o retorno das chuvas, eclodem rapidamente, criando a impressão de surgimento súbito.

Esses habitats temporários estão ameaçados pela formação de pastagens e expansão de construções. O tema já é utilizado em ações de educação ambiental no Centro de Vivência do Parque, com bom potencial para ser integrado a trilhas que passem por áreas de lagoas temporárias.

Como atrativo de nicho, o fenômeno oferece experiência diferenciada para visitantes interessados em ecologia e conservação. Para ampliar esse potencial, são recomendadas a produção de materiais informativos acessíveis e a capacitação de guias para explicar o ciclo de vida da espécie de forma clara e científica.

AVIFAUNA

C.1.6.6. PARQUE

O Parque Estadual de Itaúnas (PEI) constitui um sítio de relevância para a ornitologia no Espírito Santo, registrando uma avifauna notavelmente diversa, com mais de 140 espécies documentadas e estimativas que alcançam 183 espécies em levantamentos específicos. A riqueza ornitológica é atribuída à complexidade de seus ecossistemas, que englobam manguezais, restingas, dunas e formações de mata de tabuleiro.

A avifauna do PEI inclui espécies de destaque como *Icterus cayanensis* (corrupião), *Dacnis cayana* (saí-azul) e *Chiroxiphia caudata* (tangará-falso), esta última objeto de estudos científicos na região. A presença de *Platalea ajaja* (colhereiro), uma ave aquática de morfologia rostral distintiva, é notória em áreas úmidas e manguezais. Predadores como *Pseudastur polionotus* (gavião-de-cara-branca) e espécies noturnas como *Cochlearius cochlearius* (socó-boi), habitante de manguezais e proximidades do rio Itaúnas, também são registrados.

A observação de aves (birdwatching) emerge como uma atividade turística em ascensão no parque, atraindo especialistas em biologia, ornitologia e entusiastas. Trilhas, como a Trilha da Borboleta, que são empregadas para expedições guiadas e monitoramento faunístico.

A ocorrência de espécies ameaçadas de extinção no parque sublinha sua importância como unidade de conservação para a manutenção da biodiversidade da Mata Atlântica.

MASTOFAUNA

C.1.6.6. PARQUE

A mastofauna do Parque Estadual de Itaúnas apresenta diversidade significativa, refletindo a heterogeneidade de seus ecossistemas, que incluem florestas de tabuleiro, restingas e manguezais. O plano de manejo do parque documenta a ocorrência de diversas espécies de mamíferos, cuja presença é indicativa da integridade ecológica da unidade de conservação.

Entre as espécies registradas, destaca-se *Leopardus pardalis* (jaguaririca), um felino de médio porte classificado como ameaçado de extinção no Brasil, atuando como predador de topo e bioindicador da saúde ecossistêmica. Primatas como *Sapajus nigritus* (macaco-prego) são frequentemente observados, enquanto a presença de *Bradypus spp.* (preguiça) reitera a representatividade da Mata Atlântica.

Marsupiais como *Didelphis aurita* (gambá), *Metachirus nudicaudatus* (jupatí) e *Marmosa murina* (catita), de hábitos noturnos e arborícolas, também compõem a fauna local. A *Cuniculus paca* (paca), um dos

mamíferos registrados no Parque Estadual de Itaúnas, embora seja um animal arisco e difícil de ser observado diretamente pelos visitantes. O *Dasybus novemcinctus* (tatu-de-nove-bandas) é um mamífero terrestre comum em múltiplos habitats do parque.

A mastofauna de Itaúnas representa um portfólio natural de grande interesse para ecoturistas e pesquisadores, ainda amplamente subexplorado – o que configura uma perda concreta de oportunidade econômica e de valorização do patrimônio natural.

A ausência de roteiros estruturados, guias especializados e infraestrutura voltada à observação de fauna limita a diversificação da oferta turística, reduz a geração de renda local e desperdiça uma ferramenta eficaz de educação ambiental. O turismo de observação de fauna, quando bem planejado, atrai público de alto valor agregado com menor impacto ambiental. Desenvolver essa modalidade pode posicionar Itaúnas como destino de ecoturismo relevante, complementando os atrativos existentes e fortalecendo a sustentabilidade do turismo na região.



RECURSOS HÍDRICOS

C.1.4. HIDROGRAFIA

O Rio Itaúnas e seus afluentes, juntamente com os alagados e manguezais, são componentes vitais para a biodiversidade do Parque Estadual de Itaúnas (PEI) e para a subsistência das comunidades locais, representando importantes atrativos naturais.

RIO ITAÚNAS

C.1.4.1. RIO

O Rio Itaúnas é elemento central da identidade histórica e ambiental do extremo norte do Espírito Santo. Seu nome de origem tupi ("pedra preta") remonta ao século XVIII, quando colonos portugueses, comunidades indígenas e o Quilombo do Zacimbagaba formaram uma rica miscigenação cultural às suas margens.

O rio era a principal via de transporte e comércio — sobretudo de mandioca — e sustento da comunidade pesqueira local.

O evento histórico mais marcante foi o soterramento da antiga vila pelas dunas nas décadas de 1960 e 1970. A retirada desenfreada da vegetação de restinga permitiu que o vento avançasse a areia sobre as construções, forçando a comunidade a se realocar para a margem oposta, onde a foz sinuosa do rio moldou o novo assentamento.

Com bacia hidrográfica de 4.800 km² e extensão total de 174 km, o rio percorre oito municípios capixabas. Desse trajeto, 30 km correm dentro do PEI, em trecho caracterizado por manguezais e alagados — habitat crucial para espécies ameaçadas como o peixe-anual *Xenurolebias myersi*,

além de jacarés (*Caiman latirostris*) e diversas aves. O restante do leito, fora dos limites diretos do parque, está na Zona de Amortecimento (ZA).

Apesar da proteção legal, o rio enfrenta desmatamento nas nascentes, erosão e assoreamento, monitorados por órgãos ambientais e comitês de bacia, com projetos de restauração florestal em andamento.

As regras de uso estabelecem que embarcações motorizadas são permitidas apenas para monitoramento ou mediante regulamentação específica do órgão gestor. A pesca predatória é proibida, pescadores tradicionais operam por Termos de Compromisso (TCPU), e a capacidade para atividades como caiaque guiado é de 10 pessoas por hora.

RIO ANGELIM

C.1.4.1. RIO

O Rio Angelim, afluente do Rio Itaúnas, está situado dentro ou no entorno imediato do PEI e contribui para a manutenção dos ecossistemas da unidade de conservação.

Suas águas calmas e a paisagem de restinga e manguezal fazem do rio um destino procurado para passeios de caiaque e canoa, com oportunidades de observação de aves e capivaras.

No entorno, o Quilombo do Angelim I mantém relação histórica de dependência com o rio, e a bacia de drenagem abrange extensa porção sul da Zona de Amortecimento do Parque.

O acesso ao Rio Angelim é feito principalmente por passeios de canoa e caiaque operados por moradores e pescadores locais.

Embora autênticos e essenciais para a experiência do ecoturismo, esses serviços carecem de estruturação. A profissionalização da atividade – com equipamentos de segurança padronizados, formalização dos serviços e capacitação em condução e interpretação ambiental – é fundamental para qualificar a oferta, garantir a segurança dos visitantes e gerar renda mais estável para as comunidades tradicionais.

RIACHO DOCE

C.1.4.2. RIACHO

O Riacho Doce é um afluente relevante que deságua no Atlântico ao norte da foz do Rio Itaúnas, na divisa com a Bahia. Suas águas cristalinas, a vegetação preservada de

restinga e mata ciliar e a beleza cênica do entorno fazem dele um ponto de destaque dentro da área de proteção do PEI.

Na foz, formam-se piscinas naturais conforme a variação da maré, tornando o local ideal para banho e observação da natureza – acessível pela Trilha do Riacho Doce. O riacho é também vital para as comunidades e pescadores daquele trecho do litoral, e está sujeito a monitoramento ambiental pelos mesmos desafios que afetam a bacia do Rio Itaúnas.

A infraestrutura turística no local é mínima e rústica. O acesso se dá por estrada de terra, e os serviços resumem-se a uma ou duas barracas simples com alimentação básica, sem banheiros públicos garantidos ou aluguel de equipamentos. Essa precariedade limita o potencial turístico do atrativo, que permanece como destino de perfil selvagem e contemplativo.



ALAGADOS

C.1.4.6. ALAGADO

Os alagados do PEI são ecossistemas vitais que integram o mosaico de habitats da região ao lado do manguezal, restinga, dunas e floresta de tabuleiro. Funcionam como refúgio e área de alimentação para aves, peixes, répteis e anfíbios, regulam o ciclo hídrico da bacia do Rio Itaúnas, mitigam inundações e estabilizam o solo — contribuindo para conter o avanço das dunas que historicamente soterrou a antiga vila.

Inseridos na Zona de Usos Divergentes (ZUD), os alagados são formações úmidas essenciais para a fauna local, incluindo diversas espécies de caranguejos. As regras de funcionamento permitem a visitação para observação com recomendação de uso de trilhas elevadas e proibição de coleta de recursos naturais. Trilhas como a do Tamandaré e a da Borboleta permitem o contato direto com esses ambientes.

Considerando que esses atrativos de Itaúnas integraram, historicamente, o maior complexo alagadiço do Espírito Santo antes da abertura da foz artificial do rio, e que desempenharam papel central na subsistência de diversos grupos tradicionais da região, a conexão entre seus valores ecológicos e sua dimensão sociocultural permanece pouco explorada turisticamente. Em síntese, há uma subutilização evidente entre a relevância ecológica e histórica dos recursos hídricos e o nível de mediação turística atualmente oferecido, indicando um amplo potencial para o desenvolvimento de produtos de turismo científico e ecoturismo interpretativo que articulem conservação, leitura crítica da paisagem e valorização das memórias e práticas tradicionais.





ATRATIVOS CULTURAIS

O patrimônio cultural de Itaúnas abrange elementos materiais e imateriais com potencial de motivar deslocamentos para fins de lazer, educação, pesquisa e imersão cultural.

Este estudo priorizou três categorias: expressões culturais (C.2.28), comunidades tradicionais (C.2.2) e sítios arqueológicos (C.2.3). A escolha se justifica pela alta singularidade e fragilidade simbólica desses elementos no contexto local, além do fato de que atrativos materiais já estão amplamente documentados em levantamentos anteriores.

As expressões culturais, em especial, passam por transformações contínuas e exigem diagnósticos atualizados para captar sua dinâmica e relevância atual.

Essa priorização visa oferecer uma leitura contemporânea dos atrativos culturais vivos de Itaúnas, subsidiando o planejamento turístico com informações que orientem a integração desses bens à oferta de experiências autênticas – em alinhamento com os objetivos do PROTURES Itaúnas e com o fortalecimento sociocultural e econômico local.

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

C.2.3. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Itaúnas abriga 14, representando ocupações que remontam a mais de 3.000 anos. O acervo abrange três períodos culturais: o pré-cerâmico, com artefatos líticos associados a caçadores-coletores; o cerâmico, com

fragmentos que evidenciam sociedades agrícolas indígenas; e o histórico, com vestígios do período colonial e pós-colonial. Esse patrimônio constitui um atrativo de alto valor para o turismo cultural e educativo, com potencial ainda pouco explorado na oferta turística da região. Este mapeamento aborda apenas áreas onde a visita de baixo impacto pode ser permitida.

ITAÚNAS 1-3 - IT-01 A IT-03

C.2.3.2. CERÂMICO

Localizados na Zona de Conservação (ZCO), estes sítios abrangem períodos pré-cerâmicos e históricos, incluindo as ruínas da antiga vila soterrada, que se encontra dentro dos limites do parque. As regras de funcionamento estabelecem que a visita é controlada, com uma capacidade de 20 pessoas por dia. Há projetos de restauração em andamento, e é proibida a escavação e a remoção de artefatos.

As Regras Gerais para Sítios Arqueológicos reforçam que é proibida qualquer escavação não autorizada. Guias são obrigatórios para a visita, e a integração desses sítios a trilhas interpretativas é incentivada como forma de valorização e educação. Embora o patrimônio arqueológico e histórico de Itaúnas tenha um potencial turístico cultural enorme, ele é, atualmente, um subproduto da oferta turística principal da região. A experiência do visitante local raramente inclui uma visita estruturada aos sítios arqueológicos.

O turismo arqueológico é um subproduto porque o acesso é restrito e depende de agendamento e guias específicos, o que não é tão flexível ou espontâneo quanto fazer uma trilha ou ir à praia.

Além disso, há falta de infraestrutura de divulgação, pois não há um museu ou centro de interpretação robusto e de fácil acesso na vila que conte essa história de forma impactante para o turista casual, e o foco do marketing concentra-se primariamente na natureza e no forró.

Para que o turismo cultural e arqueológico atinja seu potencial, seria necessário um investimento maior em infraestrutura de visita, curadoria, marketing e capacitação de guias, elevando esse "subproduto" à categoria de atrativo principal.

BURACO DO BICHO - BB-01 A BB-04

C.2.3.2. CERÂMICO

Situados na Zona de Conservação (ZCO), estes sítios abrangem períodos pré-cerâmicos e cerâmicos, e estão associados a lendas locais. As regras de funcionamento permitem que a visita seja guiada e integrada a trilhas interpretativas, com uma capacidade limitada a 10 pessoas por grupo. É proibida a escavação e a remoção de artefatos, e há uma necessidade contínua de proteção contra a erosão.

PRAIA DO TAMANDARÉ - TA-01

C.2.3.2. CERÂMICO

Também na Zona de Conservação (ZCO), este sítio pré-cerâmico é caracterizado por achados de ferramentas de quartzo. As regras de funcionamento determinam que a visita é integrada à trilha do Tamandaré, sendo proibida a remoção de artefatos.

POPULAÇÕES TRADICIONAIS

C.2.2. COMUNIDADES TRADICIONAIS

As comunidades tradicionais de Itaúnas são exemplos de grupos que mantêm suas tradições e modos de vida. As comunidades tradicionais e a rica cultura local são atrativos fundamentais para a região de Itaúnas, contribuindo significativamente para a identidade e a oferta turística da região.

COMUNIDADE QUILOMBOLA ANGELIM I

C.2.2.1. QUILOMBOLA

A Comunidade Quilombola Angelim I está localizada a aproximadamente 3 km da Vila de Itaúnas, na confluência do Córrego Angelim com o Rio Itaúnas. Sua subsistência se baseia principalmente na produção artesanal de farinha de mandioca e beiju, complementada por agricultura e pecuária de subsistência.

Integrante da região do Sapê do Norte, no litoral norte do Espírito Santo, a comunidade enfrenta pressões históricas da expansão do monocultivo de eucalipto – especialmente por parte da Suzano (ex-Fibria/Aracruz Celulose) –, com impactos denunciados sobre os recursos hídricos e o solo local.

A luta da comunidade concentra-se na defesa de seus territórios ancestrais, com ações judiciais e retomadas de terras. Os processos de titulação, no entanto, estão paralisados no Incra. A resistência conta com apoio da Defensoria Pública do Espírito Santo e da Comissão Quilombola do Sapê do Norte.

No campo socioambiental, a comunidade avança em transição agroecológica,



reflorestamento com espécies nativas, soberania alimentar e recuperação de córregos e açudes. Culturas como pimentarosa, banana e coco integram iniciativas de produção sustentável.

No campo socioambiental, a comunidade avança em transição agroecológica, reflorestamento com espécies nativas, soberania alimentar e recuperação de córregos e açudes. Culturas como pimentarosa, banana e coco integram iniciativas de produção sustentável.

COMUNIDADE ALDEIA PATAXÓ (PAULO JACÓ)

C.2.2.2. INDÍGENA

A Aldeia Jacó Pataxó está localizada na Vila de Itaúnas, na Zona de Amortecimento do PEI, e representa um segmento da diáspora Pataxó originada pelo "Fogo de 51" – um violento massacre contra o povo indígena Pataxó, ocorrido em 1951 na aldeia Barra Velha, próximo ao Monte Pascoal, no sul da Bahia – que impulsionou a dispersão do povo para outras regiões, incluindo o Espírito Santo. A comunidade mantém vínculo ancestral com a Terra Indígena Barra Velha (BA), considerada a "aldeia mãe".

Autodeclarada indígena em 2022, a comunidade tem seu território em processo de demarcação. A liderança histórica de Paulo Jacó, fundador e descendente Pataxó, foi determinante para o reconhecimento e permanência do grupo na região. A aldeia possui Termo de Compromisso de Permanência e Uso junto ao PEI e é oficialmente reconhecida como Comunidade Tradicional.

Culturalmente, a Aldeia Jacó Pataxó promove o Festival de Samba Indígena e Cultura Pataxó, preserva a pintura corporal como expressão de identidade e mantém a culinária tradicional centrada na mandioca. O artesanato, especialmente a cestaria com cipó e palha coletados de forma sustentável, é expressão cultural e fonte de renda, comercializado na loja "Artesanato Paulo Jacó Pataxó".

Apesar da localização estratégica e do rico patrimônio imaterial, a comunidade carece de infraestrutura básica para o desenvolvimento turístico. O artesanato, a gastronomia e as narrativas de luta e resistência Pataxó permanecem subutilizados como atrativos. Investimento direcionado à estruturação é fundamental para transformar esse potencial em vivências autênticas e organizadas.

COMUNIDADE DE PESCADORES DO RIACHO DOCE

C.2.2.3. RIBEIRINHA

A Comunidade do Riacho Doce está localizada dentro dos limites do PEI e é composta por descendentes de indígenas Tupi e migrantes baianos estabelecidos há mais de 40 anos, com cerca de oito famílias interligadas por parentesco. Sua subsistência baseia-se na pesca artesanal de baixo impacto ao longo do litoral entre a foz do Rio Itaúnas e a foz do Riacho Doce, na divisa com a Bahia.

A comunidade é representada pela Associação de Pescadores de Itaúnas (ASPI) e opera sob Termo de Compromisso de Permanência e Uso (TCPU) ainda em andamento.

A ocupação pré-existente à criação do parque gerou um histórico de conflitos com a administração do PEI. Restrições à pesca, coleta de caranguejo e uso de manguezal e restinga impactaram diretamente o modo de vida tradicional, resultando em tensões com a fiscalização.

A lentidão na regularização fundiária e a percepção de que as normas afetam desproporcionalmente as comunidades tradicionais – enquanto grandes empreendimentos operam na Zona de Amortecimento – aprofundam o atrito e a insegurança jurídica.

Além de sua importância para a segurança alimentar local, a pesca artesanal representa um patrimônio imaterial com potencial concreto para o turismo. Experiências de imersão cultural e contato com os ecossistemas marinhos e fluviais podem ser desenvolvidas a partir desse saber-fazer tradicional, desde que acompanhadas de reconhecimento institucional e participação efetiva da comunidade nas decisões de gestão do parque.

EXPRESSÕES CULTURAIS

C.2.28. FORMAS DE EXPRESSÃO

Itaúnas destaca-se por um complexo e diversificado conjunto de expressões culturais que refletem sua rica herança histórica, étnica e social. Eles representam não apenas elementos de entretenimento, mas também pilares de identidade, resistência e transmissão de saberes tradicionais das comunidades locais, como quilombolas e indígenas.

FORRÓ

C.2.28.1. MÚSICA

O forró é a expressão cultural central de Itaúnas e o principal motor do seu turismo, conferindo à vila o título de "Capital do Forró Pé de Serra". Executado com sanfona, zabumba e triângulo, o forró de raiz é praticado ao longo de todo o ano, com destaque para o Festival Nacional de Forró de Itaúnas (FENFIT), realizado anualmente em julho. A experiência é imersiva: casas de forró com chão de terra batida, noites



que se estendem até o amanhecer e o ritual de ver o nascer do sol nas dunas. Dada sua relevância, o IPHAN pesquisa o forró de raiz local para reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil.

O título de "Capital do Forró" confere identidade singular no mercado turístico nacional, atraindo público fiel e especializado. A combinação da música com as belezas naturais do PEI – dunas, praias e rio – forma um pacote turístico completo que atende a diferentes perfis de visitantes. O FENFIT, assim como os eventos de janeiro, garante alta ocupação e reduz a ociosidade da rede de serviços em períodos estratégicos.

Os desafios, contudo, são reais. A dependência dos festivais e da alta temporada gera vazios econômicos no restante do ano. Há também tensão crescente entre o sucesso do destino e a preservação da autenticidade do forró de raiz, ameaçada pela pressão de outros gêneros musicais e eventos de grande porte. Gerido de forma estratégica e sustentável, o forró seguirá sendo o ativo cultural mais valioso de Itaúnas.

JONGO

C.2.28.1. MÚSICA

O Jongo de Itaúnas é uma expressão afro-brasileira de origem Bantu, enraizada nas comunidades quilombolas do norte do Espírito Santo. Reconhecido pelo IPHAN em 2005 como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, combina dança de roda, canto e percussão – com tambores tambu (grave) e candongueiro (agudo) – e carrega uma forte dimensão espiritual de conexão com os ancestrais africanos. Historicamente, os

"pontos" (cantos enigmáticos) funcionavam como código cifrado entre escravizados, transmitindo mensagens sem a compreensão dos capatazes.

Em Itaúnas, o Jongo tem seu momento mais expressivo durante a Festa de São Benedito e São Sebastião, em janeiro. A dança em roda, com batidas de pés, rotações e umbigada, é transmitida intergeracionalmente, com participação de crianças e adultos. Projetos locais buscam documentar e valorizar especialmente o papel das mulheres jogueiras na preservação da tradição.

Assim como o Alardo e o Ticumbi, o Jongo permanece subutilizado como atrativo turístico. O potencial para experiências culturais autênticas é amplo, mas carece de planejamento estratégico e infraestrutura adequada. A principal lacuna está na ausência de roteiros que integrem essas manifestações ao longo de todo o ano – e não apenas durante os festejos de janeiro. Desenvolver mecanismos de inserção organizada do Jongo na oferta turística é essencial para garantir sustentabilidade cultural e geração de valor para as comunidades que o mantêm vivo.

CAPOEIRA

C.2.28.2. DANÇA

A capoeira em Itaúnas é mantida pelo Grupo Capoeira Itaúnas, fundado pelo Mestre Toninho, que alia a prática da arte marcial a projetos socioculturais de valorização do patrimônio imaterial local. Eventos anuais como Batizados e Formaturas reúnem capoeiristas de diversas regiões do país e do

A oferta de aulas gratuitas para crianças, jovens e adultos reforça seu papel como instrumento de transformação social.

No campo turístico, a capoeira atua como atrativo de nicho, complementando o forró e os atrativos naturais com uma experiência imersiva na cultura afro-brasileira. Sua integração com a Festa de São Benedito e São Sebastião e com encontros internacionais gera fluxo turístico em períodos específicos – como novembro –, diversificando a oferta ao longo do ano.

O principal desafio é a visibilidade limitada frente ao apelo de massa do forró, o que pode resultar em desconhecimento por turistas casuais. Ainda assim, a capoeira representa um componente essencial para um turismo cultural mais consciente, aprofundando a experiência de visitantes interessados nas raízes históricas e afro-brasileiras da comunidade.

TICUMBI

C.2.28.4. CÊNICA/PERFORMÁTICA

O Ticumbi de Itaúnas é uma manifestação afro-brasileira de fé, drama e resistência cultural, com especial relevância para as comunidades quilombolas da região do Sapê do Norte. Mais do que uma performance, funciona como mecanismo vivo de reconstrução de memória e identidade.

O enredo central é uma "luta bailada" estruturada em torno de dois monarcas: o Rei de Congo (cristão) e o Rei de Bamba (pagão), que disputam por meio de embaixadas, diálogos cantados e coreografados, a

primazia na louvação a São Benedito. O confronto ocorre em duas fases: a "guerra sem travá", com desafios verbais e coreografias dinâmicas, e a "guerra travada", com combate simulado por espadas, culminando na vitória simbólica do Rei de Congo e na reconciliação entre os grupos – símbolo da resiliência e integração da comunidade negra.

O ápice da manifestação ocorre durante a Festa de São Benedito e São Sebastião, em janeiro, na Praça Central da Vila de Itaúnas. O evento inclui missa, procissão, fincada do mastro, além de apresentações de Jongo e Reis de Bois.

O figurino é carregado de significado: batas e calças brancas rendadas evocam a "elite negra" e a pureza devocional; chapéus com flores, fitas trançadas e, para os reis, coroas ornamentadas, capas e peitorais de espelinhos compõem a visualidade da tradição.

A transmissão é oral e intergeracional, mantida por grupos como o "Ticumbi do Bongado" e o "Ticumbi da Escola Benônio Falcão de Gouvêa".

Apesar da riqueza histórica e do público que atrai em janeiro, o Ticumbi permanece turisticamente subaproveitado. Há oportunidade concreta de desenvolver produtos que extrapolem o período festivo – espaços expositivos, oficinas e interações com mestres e grupos ao longo do ano –, transformando essa manifestação em atrativo contínuo e gerador de valor para o turismo cultural local.

ALARDO

C.2.28.4. CÊNICA/PERFORMÁTICA

O Alardo de Itaúnas constitui uma tradicional manifestação cultural e religiosa da Vila de Itaúnas, que encena uma batalha medieval entre cristãos e mouros (muçulmanos) em devoção a São Sebastião. O enredo histórico-dramático remonta às lutas da Reconquista Ibérica, recriando simbolicamente a disputa por territórios e fé, culminando na conversão dos mouros ao cristianismo e na celebração conjunta da fé no padroeiro.

Esta manifestação é realizada anualmente em janeiro, integrando a programação da Festa de São Benedito e São Sebastião, geralmente nos dias 19 e 20, em frente à igreja local. Os participantes são divididos em dois grupos, distinguindo-se pelas vestimentas: os cristãos utilizam indumentárias na cor azul, enquanto os mouros vestem vermelho.

Ambos os grupos empregam espadas na encenação da batalha. A performance é acompanhada por música e efeitos sonoros característicos de tiros de pólvora seca, que intensificam a dramaticidade e o realismo do combate simbólico. Diferentemente do Ticumbi, que possui forte ligação com São Benedito, o Alardo é a manifestação principal em louvor a São Sebastião, o padroeiro da igreja local.

O Alardo, juntamente com o Ticumbi e o Reis de Boi, representa um pilar da diversidade cultural de Itaúnas e do norte do Espírito Santo, contribuindo para a preservação da memória e da identidade da comunidade por meio da oralidade e da performance.



GASTRONOMIA TRADICIONAL

C.2.25. GASTRONOMIA TÍPICA, PREPARAÇÃO, ALIMENTOS

A gastronomia tradicional representa um dos pilares do turismo cultural autêntico, com potencial de conectar visitantes à identidade e aos saberes ancestrais de uma comunidade. Em Itaúnas, no entanto, esse mapeamento não obteve sucesso na identificação de elementos gastronômicos tradicionais. A dificuldade de diálogo com a comunidade local resultou em baixa documentação dos saberes e fazeres culinários da região, configurando uma lacuna relevante no diagnóstico turístico do destino.

BEIJU

C.2.25.1. RECEITAS TÍPICAS E TRADICIONAIS

O beiju da Comunidade Quilombola Angelim I, no Território do Sapê do Norte, é símbolo de resistência, identidade cultural e soberania alimentar. Produzido com massa integral de mandioca ralada e prensada, é misturado com coco ou amendoim e assado em chapa quente ou forno a lenha, resultando em uma crosta mais espessa e saborosa. A adição de coco reflete a influência africana na culinária local, consolidada ao longo de séculos de tradição quilombola. Em 2024, o "Beiju do Sapê do Norte" recebeu o selo de Indicação Geográfica (IG) do INPI – o primeiro concedido a um território quilombola no Brasil. Esse reconhecimento, aliado ao valor cultural e ao processo artesanal produzido nas casas de farinha, confere ao produto potencial turístico concreto. Estruturar visitas a esses espaços, capacitar a comunidade para o acolhimento e criar canais de comercialização são os passos necessários para transformar essa tradição em atrativo sustentável.



CONCLUSÃO

A conclusão analítica do mapeamento e diagnóstico dos atrativos naturais e culturais de Itaúnas revela um território com recursos de alta relevância, diversidade e singularidade, mas cuja apropriação turística atual é parcial, concentrada e aquém do potencial identificado.

A combinação entre o ambiente protegido do PEI – com seu elevado valor ecológico, histórico e paisagístico – e um tecido sociocultural marcado por manifestações tradicionais, festividades e modos de vida vinculados à pesca e às comunidades tradicionais configura um sistema integrado de valores naturais e culturais.

A análise cruzada entre os recursos mapeados e os usos consolidados, no entanto, aponta uma clara assimetria entre o que o território pode oferecer em experiências qualificadas e o que é efetivamente estruturado, mediado e comunicado ao visitante.

A escolha metodológica deste estudo priorizou os atrativos naturais mais sensíveis e as expressões culturais que, conforme indicado na oficina de mapeamento participativo, nas entrevistas com a comunidade e nos diálogos com stakeholders, demandavam atenção mais aprofundada.

Foram deliberadamente deixados em segundo plano atrativos menos sensíveis e já amplamente documentados, como os das categorias de Conjuntos Arquitetônicos (C.2.1), Arquitetura Civil (C.2.10) e Arquitetura Religiosa (C.2.13). Essa opção não minimiza a importância desses recursos para a oferta

turística local, mas reconhece que o maior valor agregado deste trabalho residia em aprofundar a leitura diagnóstica sobre recursos naturais frágeis e manifestações culturais ainda pouco analisadas, capazes de subsidiar decisões futuras de ordenamento turístico.

Os atrativos naturais de Itaúnas sustentam um posicionamento sólido em ecoturismo, com praias, dunas, rios, trilhas e ecossistemas capazes de oferecer experiências diversificadas – contemplação, educação ambiental, observação de fauna, caminhadas e esportes de natureza. Contudo, a presença de espécies sensíveis, habitats frágeis e processos costeiros dinâmicos exige ordenamento rigoroso dos fluxos e da infraestrutura de visitação, sob pena de erosão, perturbação da fauna e comprometimento de serviços ecossistêmicos.

O diagnóstico revela que a visitação está concentrada em poucos pontos, com baixa exploração de rotas alternativas e de ecossistemas de alto interesse – como manguezais, ambientes alagáveis e áreas propícias à observação de avifauna. Esse quadro expõe pressão localizada e, ao mesmo tempo, amplo espaço para diversificação planejada.

O mapeamento individualizado das trilhas e da fauna foi estratégico para um destino com perfil de ecoturismo e turismo de aventura. As trilhas não são apenas acessos: são o produto central que conecta o visitante às dunas, à restinga, à mata de tabuleiro e à biodiversidade local. Inventariá-las permite gestão eficiente de manutenção, sinalização e capacidade de carga, além de subsidiar promoção específica de cada percurso.

O diagnóstico aponta como prioridades fortalecer a interpretação ambiental, capacitar condutores de trilhas e desenvolver experiências de conexão profunda com a natureza e a história local — sempre em equilíbrio com a conservação que justifica a existência do destino.

Itaúnas é um território de alta densidade simbólica, com festas, tradições afro-brasileiras e indígenas, práticas religiosas e sítios arqueológicos que formam um patrimônio de grande valor. Contudo, boa parte desse repertório permanece sub-representada nas experiências turísticas — concentrada em poucos eventos de visibilidade, sem roteiros interpretativos que integrem comunidades tradicionais, sítios de memória e narrativas históricas de forma sistemática.

A baixa acessibilidade aos sítios arqueológicos e a ausência de mecanismos de interpretação patrimonial os confinam a um campo técnico-acadêmico desconectado do turismo.

O diagnóstico aponta subutilização significativa de atrativos com alto potencial, enquanto áreas de maior notoriedade suportam cargas desproporcionais sem estratégias claras de manejo. O resultado é um modelo concentrado em poucos produtos âncora, com forte sazonalidade. O caminho é construir uma malha de experiências diversificadas, distribuídas territorial e temporalmente, para reduzir pressões e distribuir benefícios econômicos de forma mais equilibrada.

O estudo evidencia que Itaúnas reúne condições para avançar de uma gestão turística reativa para uma proativa

, articulando atrativos naturais e culturais em portfólios temáticos compatíveis com a capacidade de suporte ambiental e a vocação sociocultural do território.

Para isso, o plano de ordenamento turístico deve: definir prioridades de investimento em acesso e interpretação de atrativos subutilizados; estabelecer diretrizes de limitação e distribuição de fluxos em áreas sensíveis; e criar roteiros que integrem valores naturais, históricos e culturais em narrativas alinhadas à identidade do destino.

Os eixos estruturantes recomendados são ecoturismo interpretativo, turismo de base comunitária e turismo cultural e científico-pedagógico. Isso implica fortalecer a mediação qualificada nos atrativos mais frágeis, conectar comunidades tradicionais à oferta de experiências e ampliar a visibilidade de atrativos pouco conhecidos.

A tomada de decisão sobre novos usos turísticos deve se basear em critérios técnicos claros, evitando tanto a expansão desordenada quanto proibições generalizadas incompatíveis com possibilidades reais de visita controlada.

A pesquisa revelou uma lacuna significativa na documentação de atrativos culturais como gastronomia típica, artesanato e atividades tradicionais. Embora produtores locais de mel, queijo, doces, biscoitos e pães tenham sido identificados nos últimos dias de campo, a equipe enfrentou dificuldades para obter informações detalhadas e compreender a percepção da comunidade sobre o valor desses elementos. A carência de dados sobre artesanato e receitas tradicionais aponta para a necessidade urgente de um estudo complementar, essencial para

integrar esses atrativos ao ordenamento turístico e gerar novas oportunidades de renda.

O diagnóstico apresentado neste relatório vai além da descrição e classificação dos atrativos: incorpora uma avaliação do estado de conservação, do grau de integração com o turismo atual, das fragilidades e do potencial de inserção em

um modelo de desenvolvimento sustentável.

Esse caráter avaliativo confere ao trabalho função estratégica – servir de base técnica para decisões sobre onde investir em qualificação, onde proteger e onde estimular novas experiências, conectando os atrativos identificados à oferta de serviços e às diretrizes de ordenamento turístico de Itaúnas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

A TRIBUNA. **Navegando os Rios Capixabas: Rio Doce.** Vitória, 1 jul. 2007. Suplemento Especial.

AGERH (AGÊNCIA ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS DO ESPÍRITO SANTO). **Relatório Etapa B - Enquadramento:** Diagnóstico e o Prognóstico das Condições de Uso da Água na Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas. Vitória: AGERH, 2017.

BBC NEWS BRASIL. **Como o desmatamento fez com que uma cidade fosse "engolida" por dunas no Espírito Santo.** 20 nov. 2020.

COSTA, Maisa Faveiro. **Paisagem Cultural em Itaúnas (ES):** o lugar e sua dimensão simbólica. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Decreto nº 4.967-E, de 8 de novembro de 1991. Cria o Parque Estadual de Itaúnas e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Espírito Santo.** Vitória, nov. 1991.

GOULART, Milainy Ludmila Santos; DAMASCENO, Leonardo Graffius; TAVARES, Otávio Guimarães. **Tradição e identidade: o Ticumbi de Itaúnas em cena. Motrivivência,** Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1-23, 2021.

IEMA. **Folder Dunas Itaúnas.** [S. l.: s. n.], [s. d.]

JESUS, Lilian Martins de. **Análise fisiográfica fluvial e do uso e ocupação da terra na bacia do Rio Angelim – ES.** 2012. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

MORRO DO MORENO. **História de Itaúnas: história debaixo da areia.** 2016. Disponível em: <https://www.morrodomoreno.com.br/materias/historia-de-itaunas.html>. Acesso em: 29 out. 2025.

MORRO DO MORENO. **Rio Itaúnas: berçário de espécies ameaçadas.** Set. 2016. Disponível em: <https://www.morrodomoreno.com.br/materias/bercario-de-especies-ameacadas-itaunas.html>. Acesso em: 29 out. 2025.

SOARES, Camila; NACIF, Manuella; RICCO, Adriana. **Mitos da memória popular: o soterramento da Vila de Itaúnas na visão dos moradores.** Revista Destarte, Vitória, v. 3, n. 1, p. 43-65, out. 2013.

VICHI CONSULTORIA; PARQUE ESTADUAL DE ITAÚNAS (PEI). **Cartilha Parque Estadual de Itaúnas.** Conceição da Barra: Vichi Consultoria/PEI, [s. d.].



SEU PASSO CONECTADO AO PRÓXIMO

CONECTE-SE

**Transformando o Turismo de Natureza em uma
ferramenta de Responsabilidade Socioambiental**

Espírito Santo | Brasil

@subhikebrasil



REALIZAÇÃO



APOIO



EXECUÇÃO

